GARTHUMBRIA: A CIDADE DA TORRE DO GATO PRETO

MARCOS ANTÔNIO PIRES

MARCOS ANTÔNIO PIRES

GARTHUMBRIA: A CIDADE DA TORRE DO GATO PRETO

ILUSTRAÇÕES/CAPAS:
https://www.designer.microsoft.com

APOIO:
Secretaria Municipal de Cultura de Bela Cruz - CE

REVISÃO GERAL:
Professora Maria Rosimeire Freitas
Professora Benedita Vangésia Alves

Garthumbria: A Cidade da Torre do Gato Preto
Copyright © 2025 por Marcos Antônio Pires

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida, sob quaisquer formas ou meios, sem prévia autorização por escrito. Opiniões expressas nesta obra são responsabilidade dos seus autores, sem expressar necessariamente a opinião do Clube de Autores Publicações S/A.

Clube de Autores Publicações S/A - CNPJ: 16.779.786/0001-27
Av. Juscelino Kubitscheck, 350 - 2 andar - Centro, Joinville - SC, 89201-100

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

P746g Pires, Marcos Antônio, 1975

Garthumbria: A Cidade da Torre do Gato Preto/Marcos Antônio Pires. – 1 ed. – Joinville - SC: Clube de Autores Publicações, 2025.

46p.; 21cm

ISBN: 978-65-266-3747-0

1. Contos. 2. Ficção. 3. Literatura infanto-juvenil.
I. Título. II. Autor.

CDU 82-1/-9
CDD 869.301

SUMÁRIO

01	Prólogo: À Cidade de Garthumbria e à Lenda do Gato Preto	**07**
02	Capítulo 1 - A Torre no Horizonte	**10**
03	Capítulo 2 - A Primeira Visão	**13**
04	Capítulo 3 - Vozes da Cidade	**16**
05	Capítulo 4 - O Enigma do Portal	**19**
06	Capítulo 5 - O Gato e o Relógio	**23**
07	Capítulo 6 – O Enigma das Engrenagens	**26**
08	Capítulo 7 – O Destino em Movimento	**29**
09	Capítulo 8 – O Recomeço de Garthumbria	**32**
10	Capítulo 9 – A Família Garfield	**35**
11	Epílogo: O Reflexo da Escolha	**39**

APRESENTAÇÃO

Em uma cidade esquecida, ou melhor, aprisionada pelo tempo, onde cada rua guarda um segredo e as sombras parecem sussurrar histórias antigas, Maxwell, um jovem curioso e destemido, decide mergulhar nos mistérios que cercam sua terra natal.

Com um espírito inquietante e uma sede insaciável por respostas, Maxwell se depara com lendas antigas, enigmas do passado e um intrincado quebra-cabeça que conecta os eventos mais sombrios da cidade à sua própria linhagem, levando a embarcar numa aventura onde ele terá que tomar a decisão mais importante de sua vida, aquela que decidirá o destino de sua cidade. Quanto mais ele investiga, mais percebe que este destino está entrelaçado com os segredos enterrados de seus ancestrais.

A cada capítulo, o leitor é transportado para um ambiente repleto de suspense, aventura e descobertas surpreendentes, em um cenário onde o passado e o presente se encontram, e a verdade pode ser mais assustadora do que a quebra do silêncio ensurdecedor que paira naquela cidade.

Prepare-se para desvendar segredos que muitos prefeririam deixar esquecidos. Embarque nesta jornada cheia de mistério, coragem e autoconhecimento, onde o maior desafio será descobrir até onde Max está disposto a ir para encontrar a verdade.

Professora Benedita Vangésia Alves

Prólogo: À Cidade de Garthumbria e à Lenda do Gato Preto

Garthumbria era um lugar onde o tempo parecia ter parado. As ruas estreitas, serpenteando como veias por entre as construções antigas, emanavam um cheiro de umidade e pedra fria. As fachadas das casas, com suas janelas arqueadas e portas de madeira esculpida, guardavam a mesma expressão de cansaço dos moradores. Havia beleza ali, mas uma beleza soterrada pelo peso de histórias que ninguém mais ousava contar.

No centro de tudo, erguia-se a Torre do Gato Preto, um monumento que desafiava as eras. Suas pedras escuras absorviam os raios solares, como se preferissem viver na penumbra, e sua silhueta lançava um domínio silencioso sobre a cidade. No topo, a figura do gato – um felino negro de olhos vermelhos flamejantes – fitava Garthumbria com olhos eternamente vigilantes. O que ele observava? O que ele aguardava? O que ele representava? Essas eram perguntas que os cidadãos evitavam fazer.

As lendas sobre o gato eram tão antigas quanto à própria torre, e cada família tinha sua própria versão... Algumas falavam de um pacto ancestral entre os fundadores da cidade e um espírito felino, guardião de um poder que poderia tanto proteger quanto destruir. Outras narravam histórias de maldições, de como o gato era um arauto do infortúnio, sua presença ligada à queda daqueles que ousassem desafiar as regras não escritas da cidade.

Mas havia algo que todas as histórias tinham em comum: o som do gato. Diziam que, em momentos de grande mudança, quando o destino de Garthumbria

pendia na balança, o gato preto miava. E aquele som, ecoando pela cidade como um sussurro de outra dimensão, era suficiente para gelar o sangue até do mais valente dos homens.

Maxwell ouviu essas histórias desde criança. Ele se lembrava das noites passadas ao lado do avô - Xavier, um homem de poucas palavras, mas de olhares intensos, que parecia carregar nas costas o peso de um segredo. Seu avô nunca falava diretamente sobre a torre, mas suas advertências eram claras.

– "A torre não é só pedra, Maxwell," – ele dizia, com os olhos fixos na distância. – "Ela respira. E quando ela chama, você precisa estar preparado."

Na época, Max não entendia aquelas palavras. Para ele, a torre era apenas um pedaço da paisagem urbana da cidade, algo que estava lá antes mesmo de sua família existir e que, provavelmente, continuaria lá por mais tempo. Mas, à medida que crescia, a presença da torre se tornava cada vez mais difícil de ignorar. Era como se ela estivesse viva, observando-o, esperando por algo.

Álguns anos depois, Max estava de volta a Garthumbria, um jovem que parecia carregar uma missão importante. A praça principal ainda era a mesma, com suas bancas de mercado desgastadas e o murmúrio constante das vozes dos moradores. Mas a cidade parecia diferente. Havia uma inquietude estranha no ar, uma tensão que ele não sabia explicar.

Quando seus olhos encontraram a torre, uma sensação de desconforto percorreu seu corpo. Como se a construção o reconhecesse. Ele tentou afastar a ideia absurda, mas, no fundo, sabia que algo estava diferente. Como se a torre tivesse esperado todo aquele tempo por

seu retorno.

Naquela noite, enquanto a lua cheia se erguia no céu enevoado, Max ouviu. No início, pensou que era o vento, mas logo o som se tornou claro: um miado grave e profundo, vindo do topo da torre. Ele congelou, seu coração acelerando enquanto o som reverberava pelas ruas desertas.

O gato preto tinha miado.

E, com isso, a cidade de Garthumbria, que há muito vivia em sua letargia sombria, começou a se mover. As engrenagens do destino estavam em ação, e Max sabia, no fundo de sua alma, que ele era parte disso. Seja lá o que o gato e a torre estavam esperando, eles agora tinham encontrado sua resposta.

Max se ausentou quando criança de sua cidade natal por alguns anos e retornou um homem com corpo atlético, musculatura bem definida, com um 1.80m de altura, pesando 80kg, cabelos cacheados e olhos castanhos, além de uma pele bem bronzeada. Era um homem extremamente atraente.

Ele ouviu o chamado do gato preto. Será ele o predestinado?

Capítulo 1 - A Torre no Horizonte

A Cidade de Garthumbria parecia um quadro pintado em tons de cinza. O céu estava sempre encoberto, como se o sol tivesse esquecido de passar por ali. As ruas eram estreitas, pavimentadas com pedras desgastadas, e as casas, de arquitetura antiga, pareciam sussurrar histórias de outros tempos. No entanto, nenhuma parte da cidade era mais fascinante – ou mais temida – do que a Torre do Gato Preto.

Erguendo-se no coração da cidade, a torre era um monólito de pedra negra, tão alta que seu topo parecia perfurar as nuvens. Os moradores a evitavam; diziam que aquele lugar era amaldiçoado, e que o misterioso gato preto que ali habitava era o guardião de segredos sombrios. Sempre empoleirado em um dos beirais mais altos, o gato observava tudo com seus olhos cor de sangue, que pareciam escanear a alma de quem ousava encará-lo.

Max cresceu ouvindo essas histórias. Desde pequeno, ele era diferente dos outros moradores. Enquanto todos olhavam para o chão ao passar pela torre, ele sempre erguia a cabeça, curioso. Aquele lugar o intrigava. Não havia medo em seu coração, apenas uma fome insaciável por respostas. O que havia dentro da torre? Por que o gato nunca saía de lá? Por que ninguém ousava entrar? Essas perguntas o atormentavam desde que podia se lembrar.

A obsessão de Max com a torre aumentou quando encontrou, por acaso, um velho diário no centro da cidade. Quem teria perdido?, pensou ele. As páginas estavam amareladas, e as palavras, escritas em uma caligrafia trêmula, falavam sobre um portal oculto no

interior da torre. "A chave está no olhar do guardião", dizia uma das páginas, acompanhada de um desenho do gato preto com olhos destacados.

Naquela noite, enquanto os sinos da igreja anunciavam a meia noite, Max subiu até o telhado de sua casa, de onde podia ver a torre à distância. A silhueta do gato preto estava lá, como sempre, imóvel, mas com uma presença que parecia dominar toda a cidade. Max segurava o diário nas mãos, o coração batendo rápido. Aquela era a primeira vez que ele sentia que sua curiosidade o levaria a algo perigoso.

– "O que você esconde, gato?" – murmurou para si mesmo, sem esperar resposta.

Mas algo aconteceu. O gato, como se tivesse ouvido suas palavras, virou a cabeça lentamente em direção a ele. Os olhos vermelhos brilharam com intensidade sobrenatural, e Max sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Ele piscou, tentando entender o que havia acabado de acontecer. Quando olhou novamente, o gato estava na mesma posição de antes, olhando para a cidade. Será que ele tinha imaginado aquilo?

No dia seguinte, enquanto caminhava pelas ruas, encontrou Madame Sofia, uma velha cigana e moradora antiga de Garthumbria. Ela o parou no meio do caminho, segurando seu braço com força.

– "Você tem olhado demais para a torre, jovem rapaz," – disse ela, com os olhos arregalados e a voz rouca. – "Não é sábio atrair o olhar do guardião."

– "Mas o que há de tão perigoso naquele gato?" – Max perguntou, com mais curiosidade do que medo.

Sofia apertou os lábios e olhou em volta, como se temesse ser ouvida. Depois sussurrou:

– "Aquele gato não é um simples animal. Dizem que ele está lá desde antes da cidade existir. Ele é o portador de segredos que ninguém deveria conhecer. Já vi jovens como você se perderem por causa da torre. Não vá por esse caminho."

Max agradeceu e seguiu seu caminho, mas as palavras de Madame Sofia apenas alimentaram sua determinação. Ele sabia que não era como os outros garotos. Não tinha medo da torre, do gato, nem das lendas antigas. Naquela noite, enquanto a cidade dormia, ele decidiu: iria até a torre. Talvez não entrasse ainda, mas se aproximaria mais do que qualquer outra pessoa ousara antes.

Maxwell não sabia, mas ele nasceu predestinado a desvendar o segredo guardado naquela torre. Sua sina não estava apenas no segredo, mas também em algo muito maior – quebrar a maldição que assolava a cidade há anos.

Será que o jovem Max estava preparado para tamanha façanha?

Capítulo 2 - A Primeira Visão

A noite estava mais fria que de costume quando Max decidiu sair de casa. Garthumbria parecia um cemitério de tão silencioso, onde apenas os ventos assobiavam entre as ruelas. Ele apertou o casaco contra o corpo e seguiu em direção à torre, com o diário em mãos. Embora não soubesse exatamente o que procurava, a sensação de que algo estava prestes a acontecer era inegável.

Ao chegar à praça central, onde a torre se erguia como uma sombra colossal, ele sentiu a imponência da construção de perto. Os detalhes das pedras negras eram assustadoramente perfeitos, como se o tempo não tivesse deixado marcas em sua superfície. No alto, a silhueta do gato preto se destacava contra o céu nublado. Seus olhos brilhavam, mesmo na escuridão.

Max hesitou por um instante. O peso das histórias que ouvira durante sua infância parecia prendê-lo ao chão. Mas então, como se o próprio diário o incentivasse, ele deu um passo adiante.

Cercando a base da torre, havia uma antiga grade de ferro, enferrujada e coberta de teias de aranha. Ele notou que parte dela estava quebrada, provavelmente há anos. Passando por ali, encontrou-se diante de uma pesada porta de madeira, adornada com símbolos gravados. Ele passou a mão sobre as marcas, tentando decifrá-las. Eram figuras abstratas, mas uma delas chamou sua atenção: a forma de um olho, semelhante ao desenho do diário.

Enquanto analisava a porta, ouviu um som fraco acima de si, como um miado, mais prolongado, quase

um gemido. Ele olhou para cima e viu o gato. Desta vez, parecia maior, ou talvez fosse à perspectiva que o fazia parecer assim. Seus olhos, duas brasas vermelhas, estavam fixos nele. Por um momento, Max sentiu que estava sendo avaliado.

– "Você está me testando?" – murmurou.

Como se fosse uma resposta, o gato inclinou levemente a cabeça e saltou para um beiral mais baixo. O movimento foi silencioso e preciso, como o de uma sombra viva. Max sentiu seu coração acelerar. Ele tentou não demonstrar medo, mas era impossível ignorar o magnetismo daquele olhar.

De repente, uma onda de calor percorreu seu corpo, e sua visão ficou turva. O mundo ao redor tornou-se enevoado, como se ele estivesse sendo puxado para outra realidade. Ele caiu de joelhos, pressionando as mãos contra os olhos. Quando os abriu novamente, não estava mais na praça.

Estava em uma sala circular, iluminada por uma luz dourada que emanava das paredes. No centro da sala havia um pedestal de pedra, sobre o qual repousava um espelho oval. No reflexo, Max não via a si mesmo, mas a cidade de Garthumbria, coberta por névoa e cercada por escuridão. No horizonte, a torre brilhava como um farol. O gato preto estava lá também, mas agora tinha o tamanho de uma pantera, seus olhos brilhando como estrelas.

– "Você veio atrás das respostas, mas ainda não está pronto para as perguntas," – disse uma voz profunda, que parecia vir de todas as direções.

Max girou em volta de si, tentando encontrar a origem da voz, mas não havia ninguém ali além dele e o espelho. O calor em seu corpo começou a diminuir, e ele

sentiu uma força puxá-lo de volta.

Quando abriu os olhos novamente, estava de volta à praça, deitado no chão. O gato ainda estava lá, observando-o do alto. Ele parecia menor, mas o olhar continuava carregado de mistério. Ao se levantar, percebeu que algo havia mudado: a porta da torre agora estava entreaberta.

Pela primeira vez Max experimentou algo sobrenatural.

Atônito, ele procurava processar o acontecido: o espelho, as vozes...

Estaria Maxwell preparado para o desconhecido?

Continuaria ele a explorar a torre negra?

Capítulo 3 - Vozes da Cidade

Max ficou parado diante da porta entreaberta, sentindo um misto de fascínio e hesitação. O que havia atrás dela? Ele olhou para cima mais uma vez, mas o gato preto havia desaparecido. O silêncio ao redor era absoluto, como se o mundo inteiro estivesse segurando a respiração.

Ele empurrou a porta lentamente. O ranger das dobradiças ecoou como um lamento na noite. Lá dentro, o ar era denso, carregado de poeira e de algo mais que ele não conseguia identificar. Um saguão circular o recebeu, com paredes cobertas de antigos mosaicos que pareciam contar histórias fragmentadas. Luz fraca entrava pelas fendas nas pedras, projetando sombras inquietantes.

No centro do saguão, havia uma escada em espiral que subia para o topo da torre. Max deu alguns passos hesitantes, mas algo o fez parar. Ele teve a sensação de que estava sendo observado novamente, não apenas pelo gato, mas também por uma presença maior, algo invisível.

– "Ainda não é hora de subir," – murmurou para si mesmo, recuando para fora da torre.

Quando saiu, encontrou a praça vazia como antes, mas diferente. Os sons da cidade começaram a voltar aos poucos: o tilintar distante de uma carruagem, o sussurro do vento pelas vielas. Ele sentiu que a torre havia "permitido" sua entrada apenas por um momento, mas que ainda havia muito a ser revelado.

De volta ao centro de Garthumbria no dia seguinte, Max decidiu investigar mais. Ele sabia que as histórias sobre a torre e o gato eram antigas, mas

ninguém falava sobre elas abertamente. Ele se aproximou de Erik, o ferreiro da cidade, um homem robusto e de aparência severa, conhecido por seu ceticismo em relação às lendas.

– "Erik," – começou Max, tentando parecer casual, – "o que você sabe sobre a torre? E sobre o gato?"

O ferreiro largou o martelo com um estrondo e olhou para Max com olhos estreitos.

– "Por que pergunta sobre isso, garoto? Nada de bom vem daquela torre."

– "É apenas curiosidade," – respondeu Max, tentando disfarçar sua real intenção. – "Quero entender por que todos têm tanto medo dela."

Erik limpou as mãos no avental e aproximou-se.

"Porque a torre guarda segredos que ninguém deveria desvendar. Dizem que o gato preto é mais do que um animal – é um guardião. Algumas pessoas afirmam que ele aparece em sonhos, oferecendo respostas... mas a um preço alto. Eu já vi gente perder o juízo depois de se meter com aquele animal diabólico."

Max agradeceu e seguiu seu caminho, mas as palavras de Erik ecoaram em sua mente. Era evidente que a torre exercia uma influência sobre todos na cidade, mas por quê?

Ele decidiu buscar outra opinião. Foi até a casa de Madame Sofia, a cigana que o havia alertado antes. Sua pequena casa estava cheia de ervas penduradas no teto, exalando um aroma forte de especiarias. Madame Sofia o recebeu com um olhar desconfiado.

– "Você voltou a mexer com a torre, não foi?" – disse ela, antes que ele pudesse falar.

– "Eu entrei na torre," – confessou Max. – "Mas

não fui longe. Algo me impediu."

Madame Sofia suspirou profundamente e gesticulou para que ele sentasse.

– "Escute bem, garoto. A torre é um lugar antigo, mais velho do que qualquer um nesta cidade. O gato preto não é um guardião qualquer; ele é a ponte entre o que vemos e o que não conseguimos ver. Se você o viu, se ele permitiu que você entrasse, é porque algo foi despertado. E isso pode ser bom... ou ruim."

Max inclinou-se para frente, ansioso por mais informações.

– "Você sabe o que há lá dentro? Alguma vez ouviu falar de um portal ou de um espelho?"

Madame Sofia parou um pouco, como se estivesse decidindo se deveria falar.

– "Há muito tempo, ouvi histórias sobre um espelho escondido na torre. Dizem que ele mostra mais do que reflexos; ele revela verdades que poucos suportam. Mas cuidado, jovem homem. Quanto mais você olha para o espelho, mais ele olha para você."

Max saiu da casa de Madame Sofia com a mente fervilhando. O espelho do qual ela falava era o mesmo que ele havia visto na sua estranha visão? E se sim, o que ele deveria fazer a seguir? Havia tantas perguntas e tão poucas respostas. Mas uma coisa era certa: ele não podia ignorar o chamado da torre.

Max era um homem de fato destemido, ninguém iria pará-lo.

A exortação de Madame Sofia e Erik o motivou a continuar?

Capítulo 4 - O Enigma do Portal

As palavras de Madame Sofia não saíam da mente de Max enquanto ele caminhava pelas ruas de Garthumbria. O que ela quis dizer com "quanto mais você olha para o espelho, mais ele olha para você"? Era um aviso ou uma provocação? Ele sabia que precisava voltar à torre. Dessa vez, com coragem renovada e olhos atentos aos detalhes.

Antes de retornar, decidiu investigar uma pista que ainda não havia explorado: sua própria família. Ao remexer nos pertences antigos guardados no sótão de sua casa, encontrou um baú empoeirado que pertencera ao seu avô - Xavier, um homem sobre quem pouco se falava. Max sempre ouvira que ele havia desaparecido de forma misteriosa décadas atrás, mas ninguém na família parecia disposto a contar os detalhes.

Dentro do baú, havia um caderno velho, com capa de couro e páginas manchadas pelo tempo. Ao abri-lo, Max encontrou algo que o fez prender a respiração: desenhos detalhados da torre, do gato preto e de algo que parecia um portal circular, rodeado por símbolos desconhecidos. Em uma das páginas, seu avô havia escrito: *"A torre não é apenas pedra e história. Ela respira, pulsa. Há algo dentro dela que espera ser libertado, ou talvez aprisionado. O gato é a chave, mas também o guardião. Não confie no que você vê; confie no que sente."*

Max passou horas analisando o caderno. Havia esboços que indicavam passagens secretas dentro da torre e anotações que pareciam decifrar os símbolos esculpidos na entrada. Ele também encontrou uma frase que lhe chamou a atenção: *"A verdade está nos olhos*

do guardião, mas o portal só se abre quando o silêncio for quebrado."

Sem perder mais tempo, Max decidiu voltar à torre naquela mesma noite. Dessa vez, levou consigo o caderno de Xavier, uma lanterna e uma espada que pertencia ao ancião – não que achasse que uma lâmina seria útil contra um gato que parecia transcender o natural, mas dava-lhe uma sensação de segurança.

A praça estava mais vazia e sombria do que nunca. As sombras das casas ao redor pareciam se estender para acolher a torre, tornando-a ainda mais imponente. Quando chegou à porta, encontrou-a novamente entreaberta. Era como se a torre estivesse esperando por ele.

Ao entrar, sentiu a mesma densidade no ar, mas dessa vez não recuou. Seguindo as anotações do caderno, ele inspecionou os mosaicos nas paredes e encontrou o que parecia ser uma discreta marca em forma de olho. Pressionou-a, e um clique ecoou pelo salão. Um pequeno compartimento se abriu na parede, revelando uma peça metálica em formato de disco, com símbolos gravados em sua superfície.

Max examinou o objeto à luz da lanterna. Um dos símbolos parecia corresponder a um desenho no caderno do avô, onde estava escrito: *"O Disco do Guardião - necessário para abrir o portal."* Ele guardou o medalhão no bolso e continuou explorando. Sentia que estava se aproximando de algo grande.

Subindo os degraus da escada em espiral, ouviu um som suave, quase como um ronronar. Ao virar uma curva, viu o gato preto sentado em um dos degraus acima, olhando para ele com os olhos flamejantes. Não havia hostilidade no olhar, mas um tipo de curiosidade,

como se o gato estivesse estudando cada movimento seu.

– "Você não vai me impedir, vai?" – Max perguntou, mais para si mesmo do que para o animal.

O gato inclinou a cabeça e deu um passo para o lado, permitindo que ele passasse. Parecia que o animal o estivesse guiando. Max seguiu adiante, subindo até alcançar uma sala maior, onde as paredes eram cobertas de espelhos que refletiam não apenas sua imagem, mas cenas de lugares e pessoas que ele não reconhecia. No centro da sala, o pedestal que ele havia visto em sua visão estava lá, com o espelho oval repousando sobre ele.

Ele se aproximou lentamente, sentindo o coração bater mais rápido. O espelho parecia pulsar, como se estivesse vivo. Quando olhou para ele, viu novamente Garthumbria cercada por sombras, mas dessa vez havia algo mais: figuras humanas, indistintas, vagando em meio à escuridão. No centro de tudo, a torre brilhava, e o gato estava lá, observando.

Então, uma voz ecoou na sala, grave e profunda:

– "Você está pronto para a verdade?"

Max girou, tentando encontrar a fonte do som, mas estava sozinho, exceto pelo gato, que agora estava sentado ao lado do pedestal, olhando diretamente para ele.

– "Que verdade?" – ele perguntou, a voz tremendo.

– "A verdade sobre quem você é... e por que foi chamado aqui."

O espelho começou a brilhar intensamente, e Max viu algo que o deixou sem palavras: a imagem de

seu avô, em pé na frente do mesmo espelho, segurando o mesmo artefato de metal que ele havia encontrado minutos atrás.

Estava evidente que a família de Max tinha alguma ligação com torre negra, com o passado da cidade. O sumiço do senhor Xavier e a aparição dele na torre deduzia isso.

Por que a própria família evitava falar a respeito?

O que ocorreu de tão grave no passado que não pode ser revelado?

O que ligava Max ao passado da Família Garfield?

Capítulo 5 - O Gato e o Relógio

Max sentiu um calafrio percorrer seu corpo enquanto observava a imagem de Xavier Garfield no espelho. Ele parecia estar falando, mas as palavras eram inaudíveis. Segurava o objeto de metal nas mãos, exatamente como Max fazia agora, e olhava fixamente para o espelho, como se buscasse respostas.

De repente, o reflexo começou a mudar. As sombras no fundo se agitaram, assumindo formas estranhas. O avô de Max virou-se para olhar diretamente para ele, os olhos arregalados e cheios de urgência, como se pudesse vê-lo.

– "Você tem pouco tempo," – disse uma voz.

Max deu um salto, quase deixando o amuleto cair. Olhou ao redor, mas ninguém estava na sala além dele e do gato preto.

– "Quem está aí?" – ele perguntou, a voz tremendo.

– "Sou eu," – respondeu a voz, calma e serena. Ele olhou para baixo, e o gato o encarava. – "Você demorou mais do que o esperado, Max."

– "Você... fala gato?!" – Ele recuou, o coração disparado.

– "Sempre falei. Só que você nunca ouviu antes. Isso é irrelevante agora. Seu avô sabia o que fazer, mas falhou. Você não pode cometer os mesmos erros."

Max piscou, incrédulo. Apesar do absurdo da situação, algo dentro dele dizia que não era hora de questionar. O gato parecia saber mais do que ele, e qualquer pista era melhor do que nada.

– "O que ele tentou fazer?" – perguntou Max, segurando o medalhão com mais firmeza.

– "Ele tentou ativar o portal antes de compreender as consequências. Achou que podia usá-lo para mudar o destino da cidade, mas o destino é uma criatura teimosa. Você também deve decidir se quer seguir os passos dele ou descobrir um caminho diferente."

O espelho brilhou mais uma vez, e Max viu uma cena que parecia vir do passado. Seu avô estava em uma sala semelhante àquela, diante do espelho, com o disco encaixado em um relógio estranho que flutuava no ar. O relógio tinha engrenagens douradas que giravam lentamente, cada uma marcada com símbolos como os do diário. Abaixo do relógio, havia um pedestal semelhante ao atual, mas ao invés de estar vazio, havia um segundo espelho quebrado.

– "O relógio do tempo," – disse o gato, interrompendo seus pensamentos. – "O mecanismo que mantém o equilíbrio entre o passado, o presente e o futuro. Ele foi danificado quando Xavier, seu avô tentou reescrever a história, e agora cabe a você decidir: consertá-lo ou destruí-lo de vez."

Max deu um passo à frente, ainda absorvendo o que ouvira.

– "Consertar ou destruir? Como posso decidir isso sem nem entender o que está acontecendo?"

O gato ronronou suavemente, como se estivesse achando graça na pergunta.

– "A verdade é uma teia complicada, Max. O que você viu até agora é apenas um fragmento. A cidade está presa em um ciclo que só você pode romper, mas há um preço."

O espelho começou a escurecer, e o gato se levantou, movendo-se com elegância até o pedestal.

– "Coloque o disco na fenda que está no pedestal," – instruiu ele, o olhar intenso.

"A próxima parte será mais clara quando você o fizer."

Max titubeou, mas sabia que não tinha outra escolha. Seguindo a orientação, encaixou o disco metálico no centro do pedestal. O som de engrenagens antigas girando preencheu a sala, e o espelho brilhou intensamente antes de revelar uma nova cena.

Agora, Max via a cidade de Garthumbria, mas não como ele a conhecia. Era vibrante, cheia de cores e luzes. As ruas estavam cheias de pessoas sorrindo, e a torre não era sombria, mas luminosa, como um farol de esperança. No entanto, algo na cena parecia errado. No horizonte, uma sombra gigantesca crescia, ameaçando engolir tudo.

– "Isso é o futuro?" – ele perguntou.

– "É um dos futuros possíveis," – respondeu o gato. – "Cada decisão sua o aproxima ou o afasta dele."

De repente, o brilho cessou, e o espelho ficou opaco novamente. Antes que pudesse fazer outra pergunta, Max ouviu um som alto e metálico vindo de algum lugar acima. A escada em espiral começou a se mover, como se estivesse se reorganizando, revelando um caminho para outro nível da torre.

– "Sua próxima resposta está lá em cima," – disse o gato, pulando para um degrau mais alto. – "Mas cuidado, nem tudo o que encontrará será um aliado."

Max, mais do que nunca, sentia o peso da decisão nas suas costas.

Estaria ele preparado para o que lhe aguardava lá em cima?

Capítulo 6 - O Enigma das Engrenagens

O som metálico das engrenagens reluzia nas paredes da torre enquanto a escada em espiral se reorganizava, revelando um caminho ascendente. Max duvidou por um momento, mas a presença constante do gato preto o incentivou a continuar. O felino movia-se adiante com uma graça inquietante, como se soubesse exatamente para onde ir.

– "Por que você me ajuda?" – perguntou Max enquanto subia.

O gato olhou para ele por cima do ombro e disse, com a mesma serenidade enigmática:

– "Porque você é a peça final de um jogo que começou há muito tempo. Mas isso não significa que vencerá."

A resposta deixou Max ainda mais intrigado, mas não havia tempo para questionar. O caminho à frente era incerto, e cada passo parecia aproximá-lo de algo grandioso, porém perigoso.

Quando chegou ao próximo nível da torre, encontrou uma sala vastamente diferente da anterior. O chão e as paredes eram cobertos por placas de metal polido, refletindo luzes que pareciam emanar do próprio ambiente. No centro, um grande mecanismo de engrenagens douradas e prateadas ocupava quase todo o espaço. O ar estava repleto de um zumbido baixo, como se o tempo estivesse sendo contado naquele exato instante.

No centro do mecanismo, havia um painel com três alavancas e inscrições semelhantes às que ele havia visto no diário do avô. Max se aproximou cautelosamente, mas antes que pudesse tocar em

qualquer coisa, uma voz grave trovejou na sala, fazendo-o recuar.

– "Quem ousa perturbar o equilíbrio?"

Uma figura etérea apareceu diante dele, como uma projeção de luz. Era um ser alto, com um manto branco que parecia ser feito de neve. Seus olhos brilhavam como os do gato, mas sua presença era muito mais imponente.

– "Eu... eu sou Maxwell Garfield," – respondeu ele, tentando parecer firme. – "Estou aqui para consertar o que foi quebrado."

O ser celestial inclinou a cabeça, como se analisasse suas palavras.

– "Consertar ou destruir, não importa. Toda escolha tem um preço. Você entende o que está em jogo?"

Max respirou fundo. Ele não entendia completamente, mas sabia que precisava continuar.

– "A cidade está presa em um ciclo," – disse ele. – "E meu avô tentou mudá-lo. Quero saber como faço isso sem repetir os erros dele."

A silhueta resplandecente se moveu ao redor das engrenagens, com passos silenciosos.

– "O ciclo foi criado para proteger Garthumbria do que está além da torre," – explicou. – "Mas seu avô acreditou que podia libertar a cidade desse fardo. Ao tentar alterar o mecanismo, ele desequilibrou o fluxo do tempo. Agora, cabe a você escolher: restaurar o equilíbrio ou permitir que a cidade enfrente o que está lá fora."

Max sentiu o peso das palavras. Ele se aproximou do painel e estudou as inscrições. O caderno de Xavier Garfield continha algumas pistas, mas o resto

era um enigma. Três alavancas e três escolhas. Cada uma parecia corresponder a um símbolo: um sol, uma lua e um olho.

– "O que essas alavancas fazem?" – perguntou.

O gato, que havia se sentado ao lado da engrenagem, falou antes do ser de luz.

– "O sol representa o passado. A lua, o futuro. E o olho, o presente. Escolher uma delas determinará o destino da cidade."

Max olhou para os símbolos, sentindo a pressão aumentar. Se escolhesse o passado, talvez pudesse corrigir os erros do avô e evitar que a torre se tornasse um fardo. Se escolhesse o futuro, poderia tentar moldar Garthumbria para algo melhor, mas incerto. E se escolhesse o presente, poderia aceitar o ciclo como era e manter a cidade protegida, ainda que aprisionada.

O ser reluzente se aproximou, brilhando muito intensamente.

– "Decida, Maxwell Garfield. O tempo está se esgotando."

Max fechou os olhos, buscando clareza. Sentiu novamente o peso do amuleto em seu bolso e se lembrou das palavras de Madame Sofia: *"Quanto mais você olha para o espelho, mais ele olha para você."*

Quando abriu os olhos, estendeu a mão para uma das alavancas, determinado a enfrentar as consequências de sua decisão.

Max agora entendeu a mensagem de Madame Sofia: *olho por olho.* Qual alavanca ele irá escolher?

Capítulo 7 - O Destino em Movimento

A mão de Max pairava sobre as alavancas. O zumbido das engrenagens parecia se intensificar, como se a torre estivesse ansiosa por sua escolha. Ele olhou para o símbolo do sol, depois para a lua, e finalmente para o olho. O presente. Era uma escolha que representava aceitar o agora, sem alterar o passado ou especular sobre o futuro.

Com uma respiração profunda, ele empurrou a alavanca marcada com o olho.

O som das engrenagens mudou instantaneamente, tornando-se um rugido alto e estrondoso. Luzes começaram a pulsar pelas paredes da sala, refletindo-se nos painéis metálicos. O ser etéreo observava em silêncio, enquanto o gato preto se levantava, os olhos brilhando intensamente.

– "Você escolheu o presente," – disse o ser celestial. – "Uma decisão ousada. Mas o presente não é estático; ele é moldado pelo peso do passado e pela promessa do futuro. Você se compromete a carregar esse fardo?"

Max assentiu, mesmo sem saber exatamente o que aquilo significava. O chão tremeu sob seus pés, e o grande mecanismo começou a girar mais rápido. Uma abertura surgiu no centro da sala, revelando um portal feito de energia pulsante, suas bordas cercadas pelos mesmos símbolos gravados no medalhão.

– "O portal está ativo," – disse o Ser. – "Mas ele não é apenas uma passagem. Ele é um espelho do seu coração. Entre, e verá o que realmente significa a sua escolha."

Max parou por um momento, mas o olhar do

gato o incentivou a avançar. Ele deu um passo à frente, depois outro, até estar bem diante do portal. A energia parecia puxá-lo para dentro, e antes que pudesse pensar em recuar, foi engolido por uma luz brilhante.

Quando abriu os olhos, Max não estava mais na torre. Ele se encontrava em uma versão distorcida de Garthumbria. A praça principal estava deserta, as casas estavam em ruínas, e a torre, agora gigantesca, projetava uma sombra opressora sobre tudo. O ar estava pesado, e o silêncio era ensurdecedor.

– "Bem-vindo ao coração do presente," – disse o gato, surgindo ao seu lado. – "Aqui, você enfrentará o que impede sua cidade de avançar."

Max sentiu uma presença ao longe. Ao se virar, viu um ser imaterial que parecia feito de luz, alto e imponente. Seus olhos brilhavam como o sol do meio dia, e sua voz estrondou pela praça.

– "Você ousa carregar o fardo do presente, mas não entende a profundidade da dor que ele carrega."

– "Quem é você?" – perguntou Max, tentando esconder o medo.

– "Eu sou o peso que sua cidade escolheu esquecer. As decisões evitadas, as verdades ignoradas. Eu sou o Guardião do Ciclo."

Max, lembrou-se das palavras de Madame Sofia e de Erik. A torre não era apenas um marco na cidade; ela era um reflexo de tudo o que Garthumbria havia escondido por gerações. Ele percebeu que, para libertar a cidade, precisaria enfrentar essa criatura e entender as falhas de seu povo.

– "O que eu preciso fazer?" – perguntou, enfrentando o Guardião.

– "Aceitar," – respondeu a luz. – "Encarar o

passado sem alterá-lo, moldar o futuro sem temê-lo. Você deve ser o elo que une os fragmentos. Mas atenção: aceitar não é ceder, e moldar não é controlar."

O Guardião ergueu uma mão, e a praça começou a se transformar. Cenas de injustiça, medo e sacrifícios do passado de Garthumbria surgiram ao redor. Pessoas sendo exiladas, decisões erradas tomadas em nome da segurança da cidade, e, no centro de tudo, a imagem de Xavier Garfield, tentando desesperadamente salvar algo – ou alguém.

Max sentiu uma dor profunda ao ver as cenas, mas sabia que não podia desviar o olhar. Ele se lembrou das palavras do diário: *"A torre respira, pulsa. Ela guarda mais do que histórias; ela guarda nossas escolhas."*

– "Eu aceito," – disse ele, com determinação. – "Aceito que o passado é parte de quem somos. Mas também escolho moldar um futuro onde minha cidade não precise viver com medo."

A luz do portal começou a brilhar novamente, envolvendo o Guardião e as cenas ao redor.

– "Você fez sua escolha," – disse ele. – "Agora, é hora de ver o impacto."

Finalmente, Max tomara a decisão acertada, mas o desafio estava apenas começando e era hora de recomeçar.

Que impacto o Guardião se referia?

Capítulo 8 - O Recomeço de Garthumbria

Quando a luz do portal se dissipou, Max abriu os olhos e viu-se de volta à sala das engrenagens. O mecanismo agora girava com suavidade, emitindo um som quase harmonioso, como se tivesse sido ajustado à perfeição. O ser divino desaparecera, mas o gato preto permanecia ao seu lado, observando-o com um olhar que parecia misturar aprovação e expectativa.

– "Você retornou," – disse o gato. – "Mas o impacto da sua escolha já começou a moldar Garthumbria."

Max sentiu um peso sair de seus ombros, mas sabia que seu trabalho ainda não havia terminado. Ele desceu a escada da torre, que agora parecia menos opressiva. As sombras nas paredes haviam desaparecido, substituídas por uma luz cálida que iluminava cada degrau. Quando chegou à porta, parou por um instante antes de abri-la, temendo o que encontraria lá fora.

Ao sair, foi recebido por uma visão que o deixou sem palavras. A praça principal estava diferente: as casas pareciam renovadas, os mosaicos do chão brilhavam como se tivessem sido recentemente polidos, e a torre projetava uma sombra que parecia protetora em vez de ameaçadora. Havia pessoas ali, olhando ao redor com expressões de surpresa e alívio, como se tivessem acabado de despertar de um longo sonho.

Madame Sofia estava entre elas, com os olhos arregalados ao avistar Max.

– "Você conseguiu," – disse ela, aproximando-se. – "A torre... está diferente. E a cidade também."

Max concordou, ainda processando tudo o que

havia acontecido.

– "Eu escolhi o presente," – explicou. – "Decidi que a cidade precisava enfrentar seu passado e abraçar o futuro sem fugir."

Madame Sofia sorriu, mas seus olhos refletiam preocupação.

– "Escolhas como essa não vêm sem custo, Max. Você pode ter trazido um novo começo para Garthumbria, mas haverá desafios. O que estava escondido foi revelado, e as pessoas precisarão lidar com isso."

Ele entendeu o que ela quis dizer. Ao aceitar o presente, ele havia aberto espaço para que os segredos de Garthumbria viessem à tona, e isso incluía as verdades mais dolorosas.

De repente, uma comoção surgiu entre as pessoas. Todos olharam para a torre, onde um novo símbolo havia aparecido na parede externa. Era o mesmo olho que Maxwell Garfield escolhera, agora brilhando como uma marca permanente.

– "O olho do presente," – disse Erik – o ferreiro, que também se aproximava. – "A cidade está sob um novo guardião agora, não é?"

Max olhou para o gato, que subiu graciosamente em um dos degraus da entrada da torre. O felino inclinou a cabeça, como se confirmasse a pergunta de Erik.

– "A torre ainda guarda mistérios," – disse o gato. – "Mas ela também guarda esperança. Cabe a vocês decidir como usá-la."

Max sabia que sua jornada pessoal estava longe do fim. A conexão de sua família com a torre ainda era um enigma, assim como o destino de seu avô. Mas,

por enquanto, ele sentia que havia dado o primeiro passo para libertar Garthumbria de seu ciclo sombrio.

– "E agora?" – perguntou Madame Sofia.

Max olhou para a cidade que começava a se reconstruir e respondeu com confiança:

– "Agora, recomeçamos. Juntos!!!."

O gato preto ronronou baixinho, satisfeito, enquanto observava a praça se encher de vida novamente. A torre permanecia firme, sua presença agora não remetia mais medo, mas sim confiança, proteção e ostentação.

O equilíbrio foi restaurado, mas Max sozinho não conseguirá manter o que acabara de conquistar – à liberdade.

Cada um deve ser corresponsável para com o progresso de Garthumbria.

Será que cada cidadão garthumbriense irá aceitar essa missão ao lado de Maxwell Garfield?

Capítulo 09 – A Família Garfield

Madame Sofia, depois de presenciar toda a saga de Maxwell Garfield ficou muito pensativa. Era notória a coragem desse jovem rapaz que se aventurou no desconhecido em busca de respostas.

Ainda havia muito a ser esclarecido, principalmente a luz do passado. Max apesar de muito curioso, sozinho ele não conseguiria obter todas as pistas que evidenciassem sua origem, de sua família, assim como, da sua cidade.

A velha cigana sabia que podia ajudar de alguma forma, pois ela era detentora dos conhecimentos ocultos... ela então resolveu consultar suas cartas por meio do baralho cigano. E assim o fez.

Madame Sofia por meio das cartas e das ciências ocultas buscou saber do passado de Max, Família Garfield e Garthumbria – A Cidade da Torre do Gato Preto.

Há muitos séculos, quando os homens lutavam por novos territórios, chegou nessas terras uma família de além-mar que fugia das guerras que assolavam tudo e todos.

Quando se estabeleceram ali, Arik e sua esposa Thyra, eram jovens e recém-casados. Arik, além de um bravo guerreiro dominava a arte das construções com pedras. Já sua companheira Thyra sabia cozinhar, caçar e pescar.

Ali adotaram outro sobrenome – Garfield, pois queriam recomeçar nessa nova terra e esquecer o sofrimento de outrora. Eles construíram uma bela casa de pedra e viviam felizes.

Apesar da nova vida e da felicidade de sua

família, Arik não se sentia totalmente seguro ali. Algo o inquietava... mesmo vivendo isolado, longe das grandes cidades, ele temia uma invasão em um futuro próximo.

Em comum acordo com sua esposa – Thyra, resolveram fundar ali uma pequena cidade e como eram os primeiros dali, puseram o nome de Garthumbria.

Também construíram em um local privilegiado uma enorme torre com pedras negras e polidas. Dentro da torre havia uma escada em espiral que possibilitava chegar ao topo do enorme monumento.

Arik sempre a tardinha, subia na torre para observar o horizonte e ficava a contemplar a imensidão do oceano a engolir o sol. A vista era espetacular. Arik só não sabia que a luz do sol quando incidia na torre provocava um brilho ofuscante, chamando a atenção dos marinheiros que por ali navegavam.

Os anos se passaram e Garthumbria crescia em urbanização e população. Arik e Thyra tiveram três filhos: Erik, Frida e Sigrid. Ali cresceram e constituíram novas famílias, perpetuando a descendência dos Garfields.

Em um dia qualquer, um navio estrangeiro aportou próximo da cidade guiado pelo brilho da torre. Eram exploradores bárbaros que saqueavam cidades, além de deixarem um rastro de sangue por onde passavam.

Arik já havia visto o navio do topo da torre e teve tempo sificiente para preparar a população a ressistir a invasão. Garthumbria foi invadida de manhã bem cedo, mas seus moradores sob liderança da Família Garfield resistiram bravamente.

Houve perdas de ambos os lados. Arik muito ferido não resistiu aos ferimentos e faleceu. A comoção foi geral, Garthumbria perdia seu fundador e líder. Sua

família estava desolada com tamanha perda. Erik, seu filho mais velho, jurou honrar a memória de seu progenitor.

A família de Arik resolveu sepultá-lo na torre já que ela foi o seu maior feito naquela cidade. Considerada seu reduto de todas as tardes, a torre agora se tornava sua morada eterna, o masoléu de Arik. Lá foram colocados todos os seus pertences: armas e objetos sagrados contendo símbolos e anotações.

O pior ainda estava por vir... entre os marinheiros, estava presente um poderoso Mago que sabendo da derrota de seus compatriotas tomou uma decisão que mudaria por muito tempo o destino de Garthumbria.

Ao anoitecer, por volta da meia noite, o Mago se dirigiu a cidade. Lá, ele conseguiu adentrar na torre e no topo dela contemplou toda a cidade que estava totalmente vazia. Na ocasião, ele lançou uma maldição sobre a cidade e seus habitantes.

A maldição consistia no aprisionamento de Garthumbria no tempo. A cidade não prosperaria jamais. Todos os seus habitantes estariam envoltos no medo e a torre se tornaria um símbolo de opressão, um lugar sombrio.

Após consumar a maldição, o Mago viu um gato a circular em volta da torre negra, ele desceu, pegou o felino e o aprisionou ali. Sobre o animal foi lançado um feitiço: passaria a ser o guardião da torre para que ninguém pudesse entrar ali. O gato assumiu um aspecto sombrio com pelagem negra e olhos vermelhos.

Ao amanhecer, todos os moradores viram o gato preto no topo da torre a observar a cidade. O medo tomou conta de todos e logo a notícia começou a se dissipar...

pouco tempo depois, Garthumbria passou a ser chamada - *a cidade da torre do gato preto*.

Arik ao construir a torre sabia o que estava fazendo... seus restos mortais e seus pertences depositados ali a envolveu com uma energia protetora e poderosa. Nem tudo estava perdido, graças a isso, a maldição não seria eterna.

O espírito de Arik despertou... ao sentir a presença do mal ali, ele se tornou o verdadeiro guardião e após alguns séculos alguém da sua linhagem sanguínea iria adentrar a torre e quebrar a maldição.

O gato que rodeava a torre na noite da maldição pertencia ao Arik. Era seu animal de estimação e mascote da Família Garfield. O gato sentindo a ausência de Arik saiu naquela noite a sua procura. Por ser considerado um animal sagrado, o gato sentiu o despertar do seu tutor.

O reencontro do gato preto com Arik enfraqueceu o feitiço, o mascote voltou a ser um animal dócil, mas sua aparência não pode ser desfeita. E assim, o gato preto se tornaria o guia que conduziria o descendente de Arik na torre.

Arik em sonho revelou tudo a seu filho Erik e este instruiu seus familiares... esse segredo foi passado de geração a geração. Ao longo dos séculos, muitos de seus consanguíneos tentaram quebrar a maldição, mas falharam.

Madame Sofia ficou estarrecida diante daquela revelação... passou alguns minutos digerindo tudo o que viu. No momento certo, ela contaria tudo a Maxwell Garfield – o descente de Arik Garfield que conseguiu quebrar a maldição e salvar a todos. Agora não era a hora, ele ainda estava abalado diante dos acontecimentos recentes.

Epílogo – O Reflexo da Escolha

Na noite seguinte, Max voltou à torre, sozinho. Ele sentiu que havia mais a descobrir, mais respostas a encontrar. Subiu os degraus até a sala das engrenagens, agora silenciosa, e viu o espelho oval no pedestal. Sua superfície brilhava com uma luz suave.

Ao se aproximar, viu não apenas seu reflexo, mas também o de seu avô, sorrindo para ele.

– "Você fez o que eu não consegui," – disse a voz de Xavier Garfield, ressoando suavemente na sala. – "Agora, cabe a você proteger o que foi restaurado."

Max sorriu de volta, sentindo-se finalmente em paz. O ciclo havia sido rompido, mas a verdadeira jornada estava apenas começando.

Na noite seguinte à sua decisão, Max sentiu uma sensação estranha em seu peito. A cidade estava mais viva, mais vibrante, mas ao mesmo tempo, ele sentia que havia algo mais, algo invisível que ainda o chamava para o interior da torre. Garthumbria agora parecia respirar, como se as ruas, os prédios, e até as pedras da praça estivessem refletindo o peso de suas escolhas. A cidade estava se renovando, mas o que havia sido despertado não era uma simples cura; era uma transformação.

Ele subiu os degraus da torre pela última vez, sentindo cada passo como um peso e uma responsabilidade. As sombras que antes rondavam os corredores agora pareciam mais distantes, dissolvidas pela luz que emanava das novas engrenagens que o gato havia dito que eram essenciais para o equilíbrio da cidade.

A sala estava quieta. As engrenagens ainda

giravam suavemente, mas o som parecia agora mais harmônico, como uma música distante. O grande espelho oval estava novamente à frente de Max, sua superfície refletindo a luz suave do ambiente. Ele oscilou por um momento antes de se aproximar. Sabia que aquele espelho, que antes parecia um simples objeto de mistério, agora tinha uma ligação direta com seu destino.

Quando olhou para o reflexo, não viu apenas sua imagem. Ele viu a de Xavier Garfield - seu avô, como se o velho homem tivesse atravessado os limites do tempo. A personificação do avô, ainda vestindo o manto de viajante e com o semblante cansado, sorriu suavemente para ele.

– "Você conseguiu, meu neto querido," – disse a voz do idoso, profunda, mas com um toque de tristeza. "Eu tentei mudar as coisas, tentar corrigir erros antigos, mas a cidade não estava pronta. Você, no entanto... você encontrou o caminho para restaurar o equilíbrio."

Max sentiu uma onda de emoções contraditórias. Parte dele queria perguntar por que seu avô havia falhado. Por que não haviam explicado mais? Mas em vez disso, ele encontrou uma paz silenciosa em ouvir as palavras de seu avô.

– "Eu... eu encontrei a verdade que você não podia ver," – disse Max, a voz firme, mas com um toque de arrependimento. "Eu escolhi não alterar o passado, mas deixar que ele existisse, para que a cidade pudesse encontrar seu próprio caminho. Não posso consertar tudo, mas espero ter dado o primeiro passo."

O reflexo de seu avô o olhou com algo mais do que aprovação. Havia orgulho, mas também uma sensação de aceitação. Xavier fez um gesto, e o espelho

brilhou intensamente, refletindo a imagem de Garthumbria, agora próspera e cheia de luz.

– "Você entende, então," – disse o ancião da Família Garfield. – "A cidade nunca pertenceu a ninguém. Ela pertence a todos. E sua escolha trouxe a chance de todos serem parte do futuro. Não importa o que o futuro traga, agora há uma chance de reconstruir. Mas lembre-se: o ciclo nunca se desfaz completamente. Você apenas o reiniciou."

Max Garfield sentiu as palavras reverberarem dentro dele, como uma verdade profunda, difícil de engolir, mas essencial. O Guardião do Ciclo não havia desaparecido, como ele inicialmente pensara; ele estava presente em todos, na memória de cada escolha, nas vidas que tocavam e nas sombras que persistem mesmo após a luz. Mas agora, as engrenagens do ciclo giravam com mais liberdade, e Garthumbria, agora, tinha espaço para crescer, para aprender com seus erros, para evoluir.

Ele se afastou do espelho, com a sensação de que um capítulo havia se encerrado, mas não o livro inteiro. Sabia que ainda havia muito a fazer para manter o equilíbrio que havia restaurado. O destino da cidade estava em suas mãos e nas mãos de cada cidadão, mas ele também sabia que a responsabilidade não recaía apenas sobre ele. Ele havia dado o primeiro passo, e agora Garthumbria teria a chance de dar os próximos.

Ao sair da sala das engrenagens, o gato estava à sua espera. Ele se aproximou lentamente, seus olhos brilhando com um conhecimento que Garfield sentia não ser apenas dele, mas de toda a cidade.

– "A escolha foi feita, e a cidade agora segue seu caminho," – disse o gato com um sorriso quase

imperceptível. – "Mas, lembre-se, Max, o tempo não é uma linha reta. Ele é uma rede de possibilidades, onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam. Você não pode mudar tudo, mas agora você pode fazer algo novo."

Max olhou para a cidade lá fora, para as ruas renovadas e para a torre que, agora, se erguia com mais força e esperança do que nunca.

– "Agora é hora de recomeçar," – disse ele, a certeza crescendo em seu peito. "Agora, podemos começar a escrever um novo futuro."

Ele sabia que a jornada que ele começara com a escolha do presente era só o começo. O futuro de Garthumbria estava em suas mãos, nas mãos de todos que decidissem não viver no medo das sombras do passado, mas aceitar a responsabilidade de criar algo novo.

E com isso, Maxwell Garfield entrou na noite, pronto para o que o futuro traria, sabendo que a torre, e tudo o que ela representava, sempre estaria lá, aguardando o próximo capítulo de sua história.

Marcos Antônio Pires, *professor de Língua Portuguesa e Inglesa da rede municipal belacruzense (Bela Cruz - CE). Sempre gostou de estudar e a leitura foi seu passatempo predileto, despertando a curiosidade por muitos assuntos. Assim começou a pesquisar temas relevantes e diversos, com vários trabalhos publicados em revistas científicas nacional e internacional. Ele como autor, já tem quatro livros publicados.*

Para saber mais sobre o autor:

Lattes iD - http://lattes.cnpq.br/5028014182882409

E-mail: marcospires.diretor@gmail.com

[...] Prepare-se para desvendar segredos que muitos prefeririam deixar esquecidos. Embarque nesta jornada cheia de mistério, coragem e autoconhecimento, onde o maior desafio será descobrir até onde Max está disposto a ir para encontrar a verdade.

Professora Benedita Vangésia Alves